

A colonização como dispositivo de saber a partir da escrita de Gloria Anzaldúa¹

*La colonización como dispositivo del saber a partir de la obra de Gloria
Anzaldúa*

*The colonization as a device of knowledge from the writing of Gloria
Anzaldúa*

João Paulo F Tinoco²

Resumo

As discussões que aqui emergem fazem parte dos estudos que são desenvolvidos no grupo de estudos “Celebração dos Sujeitos Periféricos”, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, supervisionado pela professora Dra. Vânia Lescano Guerra. Além disso, esta pesquisa faz parte das reflexões de minha tese de Doutorado cujo objetivo geral é estudar o processo de constituição identitária da mulher Chicana, a partir da obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012) escrita por Gloria Anzaldúa, sobretudo as possíveis representações de identidade, com o intuito de rastrear os efeitos de sentidos de disciplina colonizadora que a mulher chicana ainda está enfrentando atualmente. Para isso, é necessária a crítica do estudo das relações de saber/poder (FOUCAULT, 2014), via Análise do Discurso. Busquei também noções sobre o lugar geohistórico (NOLASCO, 2013), sob a visão discursivo-desconstrutiva (GUERRA, 2015, 2017), para rastrear como a colonização da mente/do saber é engendrada. Minha hipótese é que a escrita pode ser examinada como um palimpsesto em que marcas sobrepõem a outras e que não conseguem ser esgotadas. Nas análises pude observar que a escrit(ur)a está permeada de dispositivos caracterizados por uma violência disciplinadora praticada pelo “homem branco” através da incitação ao ódio e pela discriminação étnica e sexual. O que pude examinar na escrit(ur)a analisada é que há marcas “visíveis” de controle e silenciamentos, que consolidam o sistema de colonização, na busca de uma excludente anulação, deslegitimando a autonomia da mulher chicana.

Palavras-Chave: Análise do Discurso; *Borderlands/La frontera*; Colonialismo.

Resumen

Las discusiones de este texto son parte de los estudios que son desarrollados por el grupo de estudios “Celebración de Sujetos Periféricos”, en la Universidad Federal de Mato do Sul, unidad de Três Lagoas, coordinada por la Profa. Dra. Vânia Lescano Guerra. Además de eso, esta investigación es parte de las reflexiones de mi tesis de doctorado, cuyo objetivo general es estudiar el proceso de constitución identitaria de la mujer chicana, a partir de la obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012) escrita por Gloria Anzaldúa, sobretudo las posibles representaciones de identidad, con el interés de buscar los efectos de sentido de la disciplina colonizadora que la mujer chicana aún está enfrentando actualmente. Para eso, es necesario la crítica de los estudios de las relaciones del saber/poder (FOUCAULT, 2014), por el Análisis del Discurso. Buscamos, también, nociones sobre el lugar geo histórico (NOLASCO, 2013), con una mirada discursiva-desconstrutiva. Palabras claves: Aproximadamente cinco palabras claves o frases, separados por punto y coma. (GUERRA, 2015, 2017), para rastrear como la

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Doutorando e mestre em Letras; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Três Lagoas, MS, Brasil; lajptinoco@gmail.com.

colonización de la mente/ del saber es originada. Mi hipótesis es que la escrita puede ser examinada como un palimpsesto en que marcas sobreponen a otras y que no logran ser terminadas. En los análisis pude observar que la escrit(ur)a está permeada de dispositivos caracterizados por una violencia que disciplina y es practicada por el “hombre blanco” mediante la incitación al odio y por la discriminación étnica y sexual. Lo que pude examinar en la escrit(ur)a analizada es que hay marcas “visibles” del control y del silenciamiento que contribuyen para la construcción del sistema de colonización en la búsqueda por una excluyente anulación, deslegitimando la autonomía de la mujer chicana.

Palabras clave: Análisis del Discurso; Borderlands/La frontera; Colonialismo.

Abstract

The discussions that emerge here are part of the studies that are developed in the group “Celebração dos Sujeitos Periféricos”, at the Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas campus, under Dra. Vânia Lescano Guerra’s supervision. Besides, this paper is part of the reflections of my theses which objective is to study the identity process of the Chicana Woman, from the book *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012) written by Gloria Anzaldúa, especially the possible representations of identity, in order to map out the colonizing discipline senses that the Chicana woman is still facing nowadays. Thus, it is necessary to make a critic of the knowledge/power (FOUCAULT, 2014), via Discourse Analysis. I also use notions about the Geostoric Local (NOLASCO, 2013), under the deconstructive-discourse (GUERRA, 2015, 2017), to apprehend how the colonization of the mind/knowledge works. My hypothesis is that the writing could be examined as a palimpsest which marks are overlap others, and that cannot be exhausted. In the analysis the writing is permeated of violence dispositive practiced by the “white man” through discrimination of hate, ethnicity and sexual. What I could examine in the writing are “visible” marks of control and silence that consolidate the colonization system, in the search of exclusion, delegitimizing the autonomy of the Chicana Woman.

Keywords: Discourse Analysis; Borderlands/La frontera; Colonialism.

1. Introdução

Isso é quem eu sou: Eu sou Chicana, mexicana, sapatão – seja o quem for. Eu venho de um ambiente campestre, mas eu no momento tenho um pé de distância da classe média. Eu faço parte da classe intelectual e artista e eu estou conversando com você como todas essas pessoas mas antes de tudo como uma Chicana ou uma sapatão ou o que for (ANZALDÚA, 2000, p. 201).

Este trabalho faz parte das reflexões da minha tese de doutoramento, cujo objetivo é estudar o processo de subjetivação da mulher chicana a partir do livro *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (ANZALDÚA, 2012), sob o viés discursivo-desconstrutivista fomentado por Vânia Maria Lescano Guerra (2015; 2016), pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. Para isso, debruço-me sobre os estudos de cunho descolonial que direcionam a minha pesquisa para refletir sobre os povos marginalizados que criam e desenvolvem suas ideias e saberes, mas que não são dados a eles o direito de serem criadores de sua própria cultura e saber.

Gloria E. Anzaldúa, autora da obra *Borderlands/La frontera: the new mestiza* (2012), explora em seus textos a urgência de problematizar epistemologias que emergem na/da fronteira, o que alavanca uma especificidade de sua exterioridade capaz de ilustrar o dinamismo analítico do pensamento e prática da descolonização, bem como as estratégias de resistir e (re)existir no mundo da modernidade ocidental e capitalista. A epígrafe que abre este texto exemplifica essa agonia de estar num lugar que não se sente psicológico e fisicamente estável: a mulher Chicana fronteiriça.

Há memórias que são compartilhadas no seio social que trazem rastros do imperialismo. Essas memórias perpetuam em variadas práticas cujos saberes sobre/da mulher Chicana/indígena foram coletados, classificados e representados de muitas maneiras para o “homem branco”, ou seja, a partir do olhar que o “homem branco” possui do colonizado. Como analista do discurso, refiro-me ao discurso que o “homem branco” tem do outro, o qual é sustentado pelas instituições, vocabulários, a academia, o imaginário, a doutrina, até mesmo as burocracias e estilos coloniais.

Desde o iluminismo novos saberes nas estruturas política e econômica foram facilitadas pelas descobertas do novo mundo. Esse projeto, também conhecido como modernidade, possibilitou a revolução industrial, a filosofia do liberalismo, o desenvolvimento das ciências e a educação pública. Lembro o leitor que o pensamento imperialista atravessou o projeto modernista cuja mola propulsora era impulsionar tudo para a centralidade, esquecendo, portanto, da margem (SMITH, 2012).

Assim, o mundo ganha uma específica (re)representação da mulher Chicana/indígena elaborada pelo ocidente, e é a partir desses fragmentos da representação da mulher Chicana/indígena que estudos foram produzidos e registrados. Não quero aqui trazer a história do saber ocidental, mas meu intuito é palmilhar algumas críticas que me fazem acessar o mundo colonizado; tento aqui mostrar a relação dos saberes que envolvem esses projetos, em que o saber ocidental é beneficiário da colonização da mulher Chicana/indígena. Uma vez que o conhecimento que foi adquirido por meio da colonização tem sido usado para a permanência da colonização, o que Ngugi wa Thiong’o (1986) nomeia de a Colonização da Mente.

Não é demais expor que o imperialismo e o colonialismo são formações usadas pelo ocidente para ver, nomear e conhecer o povo Chicano/indígena, cimentado uma representação carregada de estereótipos sob o fio da prática da violência, pois rouba daquele que está sendo descrito e estudado a sua oportunidade de se relatar, de dar-lhe o uso de sua voz. Viajantes e estudiosos eram atraídos para o “novo mundo” para fazer pesquisas daquilo que eles experienciavam e, logo em seguida, levarem o conhecimento que eles apreenderam de volta ao mundo ocidental, recebendo a legitimidade de autoria e autoridade. Ou seja, as colônias eram apreciadas como satélites periféricas que serviam de coleta de novos saberes e tecnologias por meio da escrita de autores do centro (SMITH, 2012).

De acordo com Mignolo (2012) as “pessoas sem história” eram colocadas no passado, sem ter o presente, e que somente as pessoas com história e presente poderiam escrever sobre aquelas que não tinham. Nesse espaço de escritas arborescentes, a mulher Chicana/indígena era representada a partir do olhar do “homem branco”, mesmo quando o povo Chicano reivindicou o seu espaço, a mulher Chicana/indígena ainda vivia sob a sombra do *o* em Chicano.

A outra história, sob a escrita das mulheres Chicanas, emergiu através da escrita da pioneira Martha P. Cotera com o texto *Diosa y hembra* só em 1976, cuja temática está relacionada à refutação do estereótipo da mulher Chicana/indígena quanta a desconstrução da dicotomia virgem x puta (SALDÍVAR-HULL, 2000).

As histórias são (re)contadas pelos diversos seguimentos sociais, mas não posso me colocar num lugar de inocência intelectual e esquecer de considerar as relações de poder e saber que engendram na tentativa de perpetuar um olhar único em detrimento de outro. Não é meu desejo em discutir até que ponto uma história é verdadeira e a outra é falsa, pois o fio discursivo ao qual me inscrevo conclui que a verdade é uma construção mas que a escrit(ur)a hegemônica “gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso centro cria a sua periferia” (BONNICI, 2009, p. 264). O que proponho, juntamente com Boaventura, é que “das margens se veem melhor as estruturas de poder” (SANTOS, 2007, p. 59).

Assim, na tentativa de descolonizar os saberes hegemônicos, aproximo-me do intelectual Edgar Nolasco, sobretudo a sua noção de Lugar Geoistórico, que é uma das questões que tento diluir nas minhas reflexões. Vale dizer que por Local Geoistórico o estudioso

fronteiriço Nolasco (2013) entende que é um lugar geográfico arraigado de histórias locais que nos ajudam a exumar memórias veladas, adormecidas. Dessa maneira, consigo olhar para a obra de Anzaldúa como um palimpsesto. Sabe-se que antigamente o papel/palimpsesto era apagado para (re)escrever acontecimentos novos em cima de acontecimentos velhos, sempre deixando traços das histórias que foram apagadas.

Em se tratando do Local Geográfico, o sujeito deve ser levado em consideração quanto à sua concepção, qual seja, disperso, descontínuo, capaz de “camuflar” muitas posições. Por atravessar várias posições, ele não assume aquilo que diz; ao contrário, pelo fato de o sujeito permear diferentes posições, são os dizeres que determinam o que pode e deve ser dito.

Ocorre que, para a AD, o sujeito, por meio da língua é afetado pela história, constrói representações, ou seja, a história carrega fatos significativos que são afetados pelo simbólico, e, ao ser afetado pela língua e história, o sujeito discursivo move-se pela visão de mundo que possui e pela relação de poder e saber. Diferente do sujeito que tem a ilusão de ter o controle dos sentidos e de ser dono dos seus dizeres.

Ainda nessa mesma esteira de (des)construção e articulação das teorias, apoio-me também nos estudos de Michel Foucault, os quais me ajudam a focalizar os efeitos identitários construídos numa teia entre discurso, história e memória com o intuito de mostrar a pertinência da conjunção dos campos dos estudos do discurso com os estudos da crítica descolonial. Fio-me no pensamento do autor, pois para ele o discurso é observado como uma prática social, determinada pela/na história, que constitui os sujeitos e objetos.

Tomo também de Foucault (2007; 2014), a sua metodologia para apreender gestos analíticos do excerto que trago, codificado de E1 (excerto 1). Sua metodologia, qual seja, arqueogenealógica, tem por princípio explanar, por meio duma atividade de investigação (escavação) de excertos, fatos desconsiderados, desvalorizados, apagados, escamoteados, velados, adormecidos, quer pelos procedimentos históricos, quer pela finalidade do produtor do texto.

Dessa maneira, na arqueologia trata-se de abandonar o estudo superficial do indivíduo, o qual seria autor de todo sentido e significado de seu discurso, ilusão necessária, para compreender as condições fundamentais da constituição do discurso, normas/regras que

regulam aquilo que pode ser dito. Já no método genealógico é preciso reconhecer que em cada sociedade há um “regime de verdade” que classifica o discurso como verdadeiro, os discursos que ela acolhe e faz circular como “verdade”, as técnicas e os procedimentos que são usados para alcançar essa “verdade” (FOUCAULT, 2007).

E é nesse sistema que se produz um conjunto de regras as quais definem a identidade e o sentido dos enunciados que o constituem. Em outras palavras, é a própria Formação Discursiva (FD) como uma lei de série, princípio de dispersão e de repartição dos enunciados que define as regularidades que validam os seus enunciados constituintes (FOUCAULT, 2014).

Nesse sentido almejo expor aquilo que o texto tenta esconder, uma vez que a desconstrução se recusa a ler o texto como ele deseja ser lido, mas desestabiliza as dicotomias ao considerar a construção a partir de nosso pensamento ocidental – centro x margem, bom x mau, significado x significante, sujeito x objeto, discurso primário x discurso secundário, mulher Chicana x homem Chicano, gay x hétero.

A partir dessas práticas é possível analisar a circulação dos enunciados, levando em consideração o local geográfico dos sujeitos, as materialidades que fazem emergir os sentidos e como os enunciados se estabelecem com a história e memória. Minha escrita tenta imprimir uma prática descolonial pela simples maneira, por exemplo, de recontar histórias silenciadas ou/e compartilhar histórias de grande tristeza vivenciadas pelos povos fronteiriços, no meu trabalho a mulher Chicana/indígena.

Pode-se dizer que a racionalidade de um texto não é fixa e nem imutável. A ideia de que o texto reflete a realidade é uma ilusão, ilusão necessária para sua produção. Para Guerra (2015; 2017) não há nada fora do texto que sua identidade e coerência são garantidas pelas ausências que se encontram dentro dele. Desconstruir significa buscar diferenças e marcas das marcas; rastrear as linhas das bordas.

A obra que analiso no meu doutorado, *Borderlands* (2012), emerge relatos concernentes à vivência da fronteira entre o México e os Estados Unidos da América (EUA). Outros textos da autora também relatam eventos que ocorrem na fronteira, os quais são altamente conflituosos, por exemplo, o feminicídio, mexicanos a espera de passar para outro lado do muro, superlotação urbana, comunidades indígenas (des)locadas, reformas anti-imigração, construção

de muros, inúmeras mortes no deserto, tráfico de drogas, violência, assassinatos de meninas e mulheres. Vale lembrar que em 2018 acompanhamos a medida tomada pelos Estados Unidos da América na fronteira com o México em relação aos imigrantes, conhecida como “Tolerância Zero”. Na época, muitas crianças foram separadas de seus pais ou tutores.

Borderlands é escrito por Anzaldúa que é Chicana, mexicana, norte-americana, lésbica, ativista e escritora. A professora Anzaldúa produziu uma gama incontável de registros, categorias, disciplinas, práticas, saberes, emoções, paixões e dores; formas de resistência que ocorrem e se acumulam na fronteira. A sua obra é a organização de um texto que contém em si o híbrido e múltiplo desse espaço fronteiriço que fala sobre as vicissitudes dos (i)migrantes da/na fronteira.

Borderlands/La Frontera: The New Mestiza foi publicado primeiramente em 1987. Desde a sua publicação discussões sobre sua categorização narrativa têm aumentado: autobiografia, ensaios históricos, memórias, testemunhos, poesia, ficção? *Borderlands* é um texto que nos induz a pensar sobre a construção identitária, para Anzaldúa a nova mestiza. A autora em seus textos nos leva a refletir nossa compreensão do que é fronteira, não como uma simples divisão entre aqui e lá, nós e os outros, mas como algo psíquico, social, de um lugar onde habitamos e que habita todos nós; fronteira que deve ser compreendida como um lócus de enunciação fronteiriço crítico (NOLASCO, 2013).

Faço algumas perguntas. Não pretendo responder todas elas neste artigo, mas trago-as aqui, pois constituem um processo importante em relação às elucubrações ao longo dos meus estudos e da minha escrita. Elas são: Quais são os meios que a população da fronteira usa para ser ouvida? Por meio de quais vozes, quais textos podem ser analisados esses cenários? Quais os efeitos de sentido que emergem na fronteira a partir das relações de saber-poder que caracterizam o discurso da mulher Chicana, sobretudo no livro *Borderlands/La frontera: The New Mestiza* escrito por Gloria Anzaldúa? Como esses discursos atravessam a mulher Chicana e quais situações decorrentes incidem sobre ela? Qual a configuração desse discurso no contexto atual e a relação saber/poder/resistência que perpassa esses discursos? Quais são as marcas linguísticas materializadas que caracterizam a subjetividade dialética liberdade/proibição, justiça/ injustiça, exclusão/inclusão na escrita da mulher Chicana? Como

a mulher Chicana é representada na escrita de si? Como a mulher Chicana/índigena refuta o poder colonizador? Passo agora para a análise.

2. Gesto Analítico

Para o processo analítico trago um excerto, codificado de E1, em que o sujeito ao se inscrever no discurso retoma passagens de sua história de vida, deixando aflorar a voz do outro, ora do colonizador, ora do intelectual crítico/descolonial. Retomo a epígrafe para que eu possa apreender uma breve análise:

E1: **Isso** é quem eu **sou**: Eu sou **Chicana, mexicana, sapatão** – seja quem for. Eu venho de um **ambiente campesino**, mas eu no momento tenho um pé só de distância da **classe média**. Eu faço parte da classe **intelectual** e **artista** e eu estou conversando com você a partir de todas essas pessoas mas antes de tudo como **uma Chicana** ou **uma sapatão** ou o que for (ANZALDUA, 2000, p. 201). (Tradução minha).

Diante do processo de construção agonística de identidade, E1 adentra num espaço de olhares, ou seja, o olhar que outro tem do sujeito e o olhar que o sujeito tem de si. Ao mesmo tempo que é possível perceber uma FD que advém da descolonialidade, compreendo que há um atravessamento de uma FD que vem das ciências cartesianas, em que o sujeito pensante tem a certeza de sua existência enquanto tal. É o sujeito do *cogito* (*Cogito ergo sum* de Descartes), racional, centrado na mente, em suas sensações, do sujeito que controla aquilo que diz e os efeitos de sentido do seu dizer (CORACINI, 2007).

Sabemos que o verbo ser (*sou*) liga o sujeito ao predicado. Quando usado há possíveis significados que são encontrados no dicionário, são eles: “ter identidade, característica ou propriedade intrínseca; apresentar-se em determinada condição ou situação; ter existência real; existir; ente que possui vida real ou supositícia; criatura; e individuo do gênero humano, pessoa, ente, criatura” (HOUAISS, 2009, p. 1712).

Quando o sujeito E1 enuncia *Isso é o que sou* algo se impõe como impossível de nomear, sobre o qual não é possível afirmar nada além do próprio *sum* (sou), pois o *cogito* apenas diz que sou, sem dizer o que sou, isto é, sem emitir juízo de atribuição, mas, de existência. Por outro lado, o pronome demonstrativo *isso* é uma palavra fórica, sempre fazendo referência, por exemplo, ao contexto. No excerto que estou analisando o pronome *isso* aponta para uma predicação a ser expressa, ou seja, uma catáfora (NEVES, 2011, p. 495).

Dessa maneira, uma explosão de deslizamentos de sentido acontece quando E1 se vê e se identifica a partir de mais de uma existência e lugar, ou seja, *Chicana, mexicana, sapatão, intelectual e artista*. Isso pode também carregar em si aquilo que pode ser ou não nomeado ou que está em construção. Lembro o leitor que E1 habita e se faz ser habitado pela fronteira,

Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, *la mestiza* enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural (ANZALDÚA, 2005, p. 705). (Grifo da autora).

Sob o princípio de uma escrita desconstrutiva, E1 formula a noção de *mestiza* para deixar rastros de sua identidade camaleônica. O *isso e sou* desvelam a possibilidade de vir a ser, de desconstruir o desejo idílico de uma identidade única e completa forjada pela cultura hegemônica mexicana e anglo-americana. Ao mesmo tempo que E1 é atravessada pelo poder hegemônico, há em seu discurso a estratégia descolonizadora de incluir e exaltar o seu povo quando E1 enfatiza que é *Chicana*, refutando o caráter identitário desprestigiado que o termo possui desde sua origem na cultura hispano-americana.

É interessante refletir que as estratégias da colonialidade do poder tentam enfraquecer o discurso da margem, deslegitimando o saber que emerge das classes subalternas. Para ser ouvida E1 tem de adentrar nas tramas discursivas privilegiadas para, por conseguinte, descolonizar a representação que o outro carrega da mulher Chicana/índigena. Isso é possível de apreender no enunciado *Eu faço parte da classe intelectual e artista e eu estou conversando com você a partir de todas essas pessoas mas antes de tudo como uma Chicana ou uma sapatão ou o que for*, com o objetivo de explicar que E1 não está nem em um lugar nem em outro, mas nos entre-lugares onde as identidades são fragmentadas e estão em constante deslocamento devido as múltiplas identidades provenientes dos contatos entre às culturas.

No discurso insurgente de E1, concebido por mim como um discurso de resistência, não há vergonha pelo simples fato de existir. Pelo contrário, há a voz da mulher Chicana, indígena, sexual, intelectual, artista e campesina que superam a tradição do silêncio (ANZALDÚA, 2007). E1 como um corpo político a partir da fronteira, dos entre-lugares avança uma exterioridade específica que está ligada ao sujeito descolonial e/ou fronteiriço. É por isso que a escrit(ur)a de Anzaldúa nos ajuda a engendrar um processo descolonizador.

A partir do excerto analisado, concebo o sujeito E1 como um corpo epistêmico *mestizo*. Sua posição nos entre-lugares emana fronteiras outras que não estão exclusivamente inscritas no pensamento que temos em relação ao saber disciplinado. Para Nolasco (2019, p. 27) o corpo epistêmico fronteiriço não tem “movimentos modernos/ocidentais como únicas diretrizes. Portanto, este corpo epistêmico fronteiriço é diferente”.

É diferente porque como *mestizas*, biológica e culturalmente *mestizas*, elas têm diferentes aspectos identitários que são inscritos em subculturas particulares. Anzaldúa (trans)porta para sua escrit(ur)a uma sensibilidade fronteiriça que lhe dá sentidos outros para sua história, memórias que estão enraizadas em seu local de fala que é diferente do local de fala da mulher indígena brasileira, por exemplo.

Para finalizar este texto, aponto que no excerto analisado, é preciso dizer que a identidade *mestiza* está sempre num movimento de construção: vir a ser. Dito de outro modo, para o fio discursivo do excerto, é trazido uma reflexão outra que vem dum lugar específico, isto é, da margem, da fronteira que pretere as forças da colonialidade, trazendo para o debate a teoria e prática a partir das histórias e perspectivas locais.

Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/la frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.
- ANZALDÚA, Gloria E. *Interviews*. (Org.). AnaLouise Keating. New York: Routledge, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. *La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciencia*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis: UFSC, 13(3): 704-719, setembro-dezembro, 2005.
- ANZALDÚA, Gloria. “Como domar una lengua salvaje”. In: GARCÍA, Cristina. *Voces sin frontera: antología vintage español de literatura mexicana y chicana contemporánea*. Nueva Cork: Vintage books, 2007.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado da Letras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe B. Neves Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: wmfmartinsfontes, 2014.

GUERRA, Vânia M. L.; ALMEIDA, Diego de. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução. In: GUERRA, Vânia M. L.; NOLASCO, Edgar C. (Orgs.). *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos*. Campinas: Pontes, 2015. p. 185-206.

GUERRA, Vânia M. L. As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena. In: BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; NOLASCO, Edgar César; GUERRA, Vânia M. L.; S. Freire, Zélia R. Nolasco dos. (Orgs.). *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul – (Brasil/Paraguai/Bolívia) – biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira*. Campinas: Pontes, 2017. p. 95-122.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MIGNOLO, Walter D. *Local Histories/Global Designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos de português*. São Paulo: Editora Uniesp, 2011.

NGUGI, Wa Thiong'o. *Decolonizing the mind: the politics of language in African literature*. James Curry: London, 1989.

NOLASCO, Edgar César. Corpo epistêmico na/da fronteira da exterioridade – biografias (des)iguais sociais. In: *Cadernos de estudos culturais, Campo Grande, MS, v. 2, p. 25-34, jul./dez. 2019*.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

SALDÍVAR-HULL, Sonia. *Feminism on the border: Chicana gender politics and literature*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

SANTOS, Boaventura de S. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. Trad. de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.